

UM POUCO DE MÚSICA

DIVAGAÇÕES DE COMPOSITORES

Constitui experiência interessante para os melômanos o conhecimento de obras diferentes das que se está habituado a ouvir, de determinado compositor. O caso mais significativo é o dos autores de óperas que vez ou outra perlustraram outras formas de composição. É difícil imaginar que Verdi e Donizetti tenham quartetos de cordas ou que Rossini tenha uma missa. Para o público em geral, tais autores estarão sempre vinculados à forma operística, em que se celebrizaram. É verdade que, no mais das vezes, essas incursões por outras áreas pouco têm adiantado à glória de seus autores e talvez as obras que produziram nesses campos diferentes do habitual nem fizessem falta se não existissem. Muitas valem apenas como curiosidades. Não é, obviamente, o caso de Wagner, em cujo acervo ninguém estranharia encontrar uma sinfonia, pois o grande compositor sempre soube dar tratamento bastante sinfônico às suas óperas, cujos fragmentos orquestrais são freqüentemente ouvidos nas salas de concerto ou em gravações. Mas, às vezes, há surpresas agradáveis.

Os exemplos seriam muitos, variados e significativos, apenas considerando os nomes mencionados. Verdi, autor de vinte e sete óperas e inegavelmente o maior compositor operístico italiano de seu tempo, é autor também do já citado quarteto de cordas, de uma série de peças sacras (“Ave Maria”, “Stabat Mater”, “Te Deum” e “Laudi alla Vergine”), de uma grandiosa missa de réquiem (dedicada à memória de Manzoni) e de cerca de vinte canções quase todas com acompanhamento de piano.

Donizetti, autor da vultosa soma de setenta e cinco óperas, tem a seu crédito, ainda, nada menos que doze quartetos de cordas e algumas sonatas, acervo praticamente esquecido hoje, ao contrário do caso verdiano, cuja produção fora da ópera (especialmente a missa) aparece em freqüentes gravações e às vezes executada “ao vivo”.

Rossini, autor de trinta e oito óperas, compôs também dois oratórios, numerosas cantatas, quartetos de cordas, sonatas também para cordas, cerca de cento e oitenta pequenas peças para piano (seus “pecados da velhice”, como eles as denominou), um “Stabat Mater”, encerrando sua carreira com uma “Petite Messe”, da qual existem duas versões, uma com acompanhamento orquestral e outra apenas de órgão.

É sabido Rossini encerrou sua carreira de compositor de óperas com o **Guilherme Tell**, em 1829. E no entanto, viveu ainda quarenta anos!

Muita tinta tem sido gasta para explicar o “misterioso silêncio” do grande compositor. Não há mistério nenhum. Rossini – sabem todos os que têm algum conhecimento da história da ópera – foi um dos mais prolíficos autores de óperas (quase quarenta!) daquele período de transição do classicismo para romantismo, representado pelos últimos anos do século XVIII e pelos primeiros do século XIX. Era a época em que predominava a ópera “buffa” (cômica), campo em que Rossini se sentia bem à vontade, por estar bem de acordo com o seu temperamento. De fato, ao compor **O Barbeiro de Sevilha**, em 1816 (certamente a mais perfeita de quantas óperas cômicas foram escritas), tinta já Rossini em sua bagagem mais de dez óperas no gênero “buffo”, destacando-se dentre elas: **La Cambiale di Matrimonio**, **L’Inganno Felice**, **La Scala di Seta**, **Il Signor Bruschino**, **Il Cambio della Valigia**, **L’Italiana in Algeri** e **Il Turco in Italia**.

Com o advento do romantismo, a ópera cômica foi perdendo terreno para a ópera séria, aquela que explorava os sentimentos e as emoções, chegando ao drama e até à tragédia. Que Rossini era capaz de compor óperas no gênero “sério”, provam-no, entre outras, **Semiramis**, **Moisés**, **Tancredi**, **O Assédio de Corinto** e **Guilherme Tell**, que veio a ser, de fato, sua última ópera. Mas a ópera “séria” não era o seu forte. E antes que sua obra redundasse nos dramalhões que freqüentemente surgiam na época romântica, preferiu retirar-se, antes que decaísse. Soube, portanto, retirar-se na hora propícia, o que, infelizmente, nem todos sabem fazer. E viveu, ainda como já se disse, mais quarenta anos, sempre em Paris, participando ativamente da vida artística e social da capital francesa.

Pois bem: é nesse “recesso lírico” que se situa a maior parte dos seus “pecados da velhice”. Convém lembrar, ainda, que vários arranjos foram feitos com obras pianísticas de Rossini. Entre eles, **Boutique Fantasque** e **Rossiniana**, ambos adaptados para bailado e mais as **Soirées Musicales** e **Matinées Musicales**, ambas arranjadas pelo grande compositor inglês Benjamin Britten.

Outro caso curioso é o de Puccini. Dele já me ocupei demoradamente, há alguns anos, nesta mesma revista, salientando, principalmente, sua extraordinária capacidade para a caracterização de personagens femininas. Talvez ninguém o tenha feito melhor. Eis porque são femininas as figuras mais importantes de suas óperas, que acabaram dando títulos às mesmas: **Manon Lescaut**, **Tosca**, **Madame Butterfly**, **Suor Angelica**, **Turandot**, **Mimi** (de **La Bohème**) e **Minnie** (de **La Fanciulla del West**)...

Vivendo entre 1858 e 1924, Puccini trazia consigo uma longa tradição musical, com numerosos ascendentes compositores e – curioso! – quase todos dedicados à música religiosa. O primeiro Puccini que aparece (também chamado Giacomo), nascido em 1712, foi mestre-de-capela em Lucca e deixou composições sacras que, em seu

tempo, alcançaram grande notoriedade e divulgação no norte da Itália; um outro Puccini, filho do primeiro, tornou-se conhecido como professor; ainda um outro, chamado Domenico e que veio a ser avô do autor da *Bohème*, escreveu música de igreja, mas já se impôs também como compositor de óperas; seu filho Michele dedicou-se igualmente à música sacra e a sua morte, em 1864, deu motivo à composição de uma missa de réquiem, de autoria de um certo Pacino. Eis-nos chegados, assim, àquele que, através de obras de variado estilo, conseguiu salvar a ópera italiana da decadência a que fatalmente seria levada após a morte de Verdi. Giacomo Puccini resume em seu nome toda a linhagem musical da família. De fato, seu nome completo era Giacomo Antonio Domenico Michele Secondo Maria Puccini. Nestes apelidos estão todos os seus antepassados músicos.

Com tal tradição de música religiosa, era de se esperar que Puccini também se interessasse por esse gênero de composição, o que, aliás, era o grande desejo de sua mãe. Puccini, apenas para satisfazer a essa aspiração materna, fez com que uma de suas primeiras composições fosse uma missa, denominada *Missa Glória*, única no conjunto da produção do compositor, mas que foi, naturalmente, eclipsada por outras obras e até esquecida pelo próprio autor e pela sua família. Entretanto, pouco antes de morrer, Puccini relatou a um amigo – o Padre Dante Florentino – a história dessa composição. E o mundo deve a esse sacerdote a exumação da belíssima missa pucciniana, apresentada pela primeira vez em 1951, nos Estados Unidos, onde vivia o Padre Florentino. Na contracapa da gravação, a única que dessa obra se fez, é relatada toda a história da pesquisa para a descoberta da missa, e na mesma contracapa figura fac-símile de autógrafo do Padre Florentino, que assim se expressou: “By giving to the world the *Messa di Gloria*, Puccini's first homage to the glory of God, I feel I have realized my life long ambition”. E a etiqueta *Colosseum* declarava-se, no mesmo disco, “proud to present the world premier recording of this great work in the finest interpretation possible with the Scarlatti Chorus and Orchestra di Napoli under the direction of Ugo Rapalo”. Isto ocorreu a 22 de dezembro de 1952. E esta “premier recording” permanece, segundo cremos, a única. Por isto mesmo, disco bastante raro que seus felizes possuidores prezam muito. ONM